

UMA ARQUITETURA DE CRIME E HUMILHAÇÃO

TRÁFICO DE MENINOS PARAENSES TEM ENDEREÇO CERTO: 4 PRÉDIOS EM SP

TEXTO: AVELINA CASTRO E JAQUELINE ALMEIDA
FOTOS: SHIRLEY PENAFORTE

Não é fácil encontrar o edifício Andorinhas. O arranha-céu de 19 andares não está em listas de busca eletrônica, não aparece na maioria dos mapas de ruas e bairros, tampouco nas propagandas que enaltecem as qualidades da maior cidade do País. Talvez por isso o Andorinhas seja, hoje, o principal destino dos meninos travestis paraenses traficados entre o Pará e as capitais do Sudeste. No sedutor esquema de aliciamento de adolescentes para exploração sexual, além de promessas de felicidade todo menino paraense levo no bolso o endereço do prédio, no cruzamento da rua dos Gusmões com a avenida Rio Branco, no bairro de Santa Ifigênia. "A cafetina que está me levando (para São Paulo) tem vários apartamentos lá. É um prédio cheio de travestis paraenses", contou o adolescente Carlos*, 17 anos, explorado sexualmente na avenida Almirante Barroso, em Belém.



* Nomes fictícios para preservar a identidade dos adolescentes e de suas famílias.

Percebe imediatamente a que ele serve: o Andorinhas não é uma moradia; é um cativo criado e mantido por redes de tráfico para travestis adolescentes e jovens homossexuais à escravidão, à privação de liberdade e a todos os tipos de humilhação. Na portaria, em vez de vidros ou portas, o Andorinhas tem chapas de ferro trancadas. As paredes são sujas e pichadas. O elevador, caindo aos pedaços, é uma ameaça e as janelas são tampadas com pedaços de papelão - em agosto último, um menino de 3 anos despencou do sexto andar.

Apesar de abrigar algumas famílias de baixa renda, a movimentação nos arredores, portaria e corredores do prédio sugere um esquema de vigilância, com homens fortes, tatuados, cabelos pintados que, estranhamente, observam quem entra e sai. "Toda cafetina tem os seus vigilantes. Eles ficam na nossa cola o tempo todo", disse Renato*, aliciado aos 15 anos para São Paulo.

Além do Andorinhas, pelo menos outros três edifícios no centro de São Paulo são usados pelos traficantes de pessoas. No entorno da praça da República, o edifício Século XX, na avenida São João, abrigou a travesti "Paulete", presa em 2006 pela polícia paraense, acusada de chefiar uma das maiores redes de tráfico de adolescentes do Estado. "Os apartamentos são alugados pelas pessoas que trazem eles (os meninos) para cá. O aluguel é feito no nome dessas pessoas. Têm umas (aliciadoras) que têm de seis a sete apartamentos, todos funcionários", contou o disse um funcionário, que não quis ser identificado.

Na rua Guaianases está localizada o edifício Los Angeles, "moradia" de Paraenses, pernambucanos, piauienses, entre outros. Nas proximidades, o edifício Esther, na rua Ipiranga, aparenta ser mais um edifício comercial de mais em São Paulo, mas também possui apartamentos alugados por cafetinas de redes de exploração sexual de adolescentes. O esquema é conhecido dos funcionários, que não se identificam, mas contam detalhes. "Aqui tem dois blocos que são comandados por cafetinas. Cada uma delas tem vários apartamentos alugados", relatou um deles.



■ Para a avenida Indianópolis são enviados meninos com corpos mais femininos e bem tratados

ESQUINAS DE DROGAS E EXPLORAÇÃO INFANTIL POR TODA A REGIÃO CENTRAL

Os meninos travestis do Pará - e de outras capitais de todas as regiões brasileiras - estão distribuídos por todo o centro de São Paulo e alguns bairros da zona sul da cidade. Um dos principais pontos de exploração sexual de adolescentes travestis é a rua Rego Freitas, no bairro da Consolândia. De ponta a ponta dessa via há travestis nas esquinas, vários deles adolescentes. Eles são observados de perto pelos homens de confiança das aliciadoras, que ficam em bares, mimetizados entre demais clientes e transeuntes, ou dentro de carros, aproximando-se de todos os veículos que param para abordar os meninos. "Cada cafetina tem o seu grupo de homens que faz a vigilância dos travestis o tempo todo. É uma forma de evitar fugas e de controlar a quantidade de programas", disse Cláudio*, que hoje tem 21 anos e foi traficado para São Paulo quando tinha 15.

Outro local usado pelas quadriplas para explorar os adolescentes é a chamada "Boca do Lixo", área do centro de São Paulo conhecida pela venda e consumo ostensivos de drogas. Na década de 90, passou a ser conhecida como "Craquelândia". Em ruas como Triunfo, Aurora, Vitória, o cenário é assustador: muito lixo espalhado pelas ruas, pessoas embriagadas e/ou dopadas, outras vendendo ou consumindo drogas, e muitos travestis, em toda parte e de todas as idades. É para lá que vai a maioria dos adolescentes paraenses, que se misturam e acabam compondo um cenário de horror, decadência e violação.

Na lógica do tráfico e busca de lucro, alguns meninos são enviados para áreas mais nobres, a mais importantes delas a avenida Indianópolis, no bairro de São

Judas. Na avenida Indianópolis há adolescentes e jovens travestis de ponta a ponta da via, que corta grande parte da zona sul de São Paulo. Para o local vão os meninos que têm os corpos mais femininos, os cabelos e peles mais bem tratados e as melhores roupas. Enquanto na "Boca do Lixo" os meninos vestem saínhas e biquínis, na Indianópolis o vestuário padrão são os sobretudo, os brilhos e as botas de cano longo e salto alto.

Apesar da aparente melhoria nas condições, a vigilância é semelhante, a solidão se mantém e as condições de "trabalho" são sempre degradantes. Foi próximo a São Judas que no ano passado um jovem travesti de Belém foi morto a tiros durante um desentendimento com um cliente. De família pobre, o rapaz foi enterrado em um cemitério público, sem nenhum parente presente.

O MAPEAMENTO DO CRIME EM SÃO PAULO

INFOGRAFIA WENDELL



■ Rua Rego Freitas é um dos principais pontos de exploração sexual

LEIA AMANHÃ

■ A dor das famílias que vêem seus filhos indo embora para o Sudeste do País, onde muitos morrem em aplicações malsucedidas de silicone industrial.

ADOLESCENTES PAGAM PREÇO ALTO PARA VIVER SOB CÁRCERE PRIVADO

Os apartamentos nos quais os meninos são amontoados, as ruas onde trabalham e a perseguição a que são submetidos existem para manter ordenada a servidão por dívida. E eles devem muito. "Tudo que elas (cafetinas) gastam com a gente é cobrado em dobro", disse Pedro*, adolescente de 17 anos, recentemente aliciado. Com viagem marcada para o final do mês, o menino sabe que vai chegar devendo. "A passagem custa R\$ 360 e ela (cafetina) manda mais R\$ 40 para eu gastar na viagem. Só que eu vou pagar o dobro", explicou.

Além de servirem para "guardar" os adolescentes quando eles não estão trabalhando, o Esther, o Andorinhas, o Los Angeles e o Século XX são parte considerável dos ganhos dos aliciadores, que pagam uma média de R\$ 300 pelo aluguel, mas cobram de menino uma diária de R\$ 20 - R\$ 600 por mês de cada um, lembrando que cada apartamento abriga pelo menos cinco adolescentes.

No apartamento que custa para cada menino R\$ 600 por mês não há camas ou móveis. Os meninos dormem amontoados em colchões finos e pontudos, espalhados pelo chão, sem colchas, lençol ou qualquer conforto. As portas de muitos apartamentos, sem fechaduras, são "amarradas" com correntes atravessadas entre buracos nas maçanetas e paredes.

Do lado de fora, nos corredores, homens jovens, fortes, tatuados, de olhar frio e intimidatório vigiam os adolescentes. Diante da menor possibilidade de fuga ou contato com pessoas estranhas eles se posicionam nas portas dos quinetes, impedindo qualquer aproximação. O aprisionamento é testemunhado por várias pessoas que moram ou trabalham próximos aos prédios. "Eu nunca vejo esses meninos. Eles só saem da manhã para o trabalho", disse o balconista de uma lanchonete próxima ao Andorinhas. Cláudio*, adolescente traficado para São Paulo aos 15 anos, sabe bem como funcionava o aprisionamento por dívida. "A gente passava a noite toda trabalhando e durante o dia dormia. Quando não conseguíamos o dinheiro da cafetina, éramos obrigados a fazer programas de dia, embaixo de viaduto", disse o jovem, que já retornou para Belém. Atualmente com 21 anos, Cláudio* "trabalha" na rodovia BR-316 e não pensa em voltar para São Paulo. "Sofri muito na aquela cidade. Apanhei na cara de cafetinas".